



**cada leitura,
uma experiência**



DA VIOLÊNCIA
AO AMOR
VULNERÁVEL

Aproximações entre
René Girard e Jürgen Moltmann

SIDNEI JOSÉ DA SILVA

À minha esposa Elaine e minhas filhas, Sarah e Anna Clara,
sem as quais nunca chegaria aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus uno e trino, cujo imenso amor nos concede ser chamados filhos seus.

Aos amados irmãos da Primeira Igreja Batista de Piedade/RJ, por compreenderem minhas ausências e encorajarem meus sonhos.

Aos meus pais, irmãos e demais familiares pela educação, exemplo e carinho de diversas formas.

À querida amiga Regina Camacho, pela esmerada e exaustiva revisão ortográfica e gramatical desta obra.

Aos meus colegas da PUC-Rio, dos quais levo experiências e amizades preciosas para toda a vida.

A todos os amigos que de uma forma ou de outra me estimularam, ou me ajudaram.

À Editora Saber Criativo pela forma dedicada com que acolheu e apoiou o sonho que esta publicação representa.

“Ide, porém, e aprendei o que significa:
‘Misericórdia quero e não holocaustos’;
Pois não vim chamar os justos, e sim
pecadores ao arrependimento”.

Evangelho de Mateus 9:13

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
1. A TEORIA DO DESEJO MIMÉTICO	19
A relação mimetismo e contemporaneidade	30
O desvelamento do mecanismo mimético	42
2. RENÉ GIRARD	65
Mentira romântica e verdade romanesca	70
A violência e o sagrado.....	79
Coisas ocultas desde a fundação do mundo	91
3. JÜRGEN MOLTMANN.....	107
A teologia moltmanniana	110
A dialética no ser de Deus.....	111
Sofrimento e concretude histórica.....	115
4. APROXIMAÇÕES TEOLÓGICAS	119
Confrontando o desejo distorcido	119
Cristo como proposta de uma mimesis inédita.....	120
A fé na cruz é a fé na entrega total.....	122
A relação entre Deus e o sofrimento	125
A revolução no conceito de Deus	128

5. PATHOS DIVINO: DEUS QUE AMA OU DEUS QUE MATA?	133
Cristo e a nova situação do homem em Deus	135
Cristo: Deus ao largo do caminho	138
O serviço como ultrapassamento da violência.....	141
Da abertura sacrificial para a vida trinitária	142
Um novo <i>ethos</i> de justiça	145
CONCLUSÃO.....	149
REFERÊNCIAS.....	155
Obras de René Girard	155
Obras relacionadas a René Girard	155
Obras de Jürgen Moltmann	158
Obras relacionadas a Jürgen Moltmann	159
Obras complementares	161
Teses e artigos eletrônicos	164
Sites e arquivos eletrônicos.....	166

PREFÁCIO

Em tempos tão sombrios como se vive neste ano de 2020, a contribuição de pensadores profundos e ao mesmo tempo abertos às grandes questões da humanidade, como a justiça e a paz se tornam cada vez mais necessários. Entre estes pensadores certamente se encontra René Girard, o antropólogo e filósofo francês que passou boa parte de sua maturidade nos Estados Unidos, tornando-se a referência mundial sobre a questão da violência.

Muitos trabalhos têm sido escritos sobre o pensamento de Girard, cada um com sua originalidade. Aqui temos a honra de apresentar um mais. O livro de Sidnei José da Silva, *Da violência ao amor vulnerável* recolhe o melhor do pensamento de Girard e o situa no diálogo com um dos maiores teólogos da atualidade: Jürgen Moltmann.

A vulnerabilidade é um dos conceitos mais importantes do pensamento atual. Significa desde fraqueza física até situação de vida sob opressão, passando pelos estados psicológicos da fragilidade emocional e da depressão psíquica. No entanto, aqui no trabalho de Sidnei, trata-se da capacidade de deixar-se afetar, de abrir-se às consequências do amor. Por isso o título do livro: o amor vulnerável.

No primeiro capítulo, o autor faz uma acurada exposição sobre a teoria do desejo mimético, criada e explicitada com profundidade por René Girard, teoria que preside todo o seu pensamento. Em seguida expõe no segundo e terceiro capítulos os pontos fulcrais que, na teoria de Girard e Moltmann tocam ou fazem apelo a essa teoria que sustenta ser

a violência na verdade um desejo perverso de emulação e mimetização da violência e do violento.

Se René Girard se distinguiu por sua reflexão em torno da teoria mimética da violência, Jurgen Moltmann foi o teólogo que trouxe de volta a cruz ao centro do pensamento teológico. E o fez não com acentos doloristas ou vitimistas, mas ao contrário, acentuando o que há de entrega, amor e serviço no evento da Crucifixão de Jesus Cristo que resulta na redenção e salvação do mundo por causa do amor e não de uma dor maquiavélica que exige o sadismo. Neste sentido Moltmann é o teólogo que reabilitou a categoria da vulnerabilidade aplicando-o não apenas a seres humanos, mas ao próprio Deus.

O autor analisa todo o caminho que se abre aí para a vida e a prática cristãs, que são chamadas a superar o desejo mimético distorcido que resulta em violência e direcionar-se para o serviço amoroso que parte da vulnerabilidade e da compaixão. No serviço está a possibilidade de superação do mimetismo e a abertura para uma experiência de fé e uma prática amorosa que tem na própria Trindade sua matriz.

Trata-se de um trabalho de extrema importância para refletir mais a fundo as raízes e as ramificações da violência em nossa sociedade, desde a violência doméstica, passando pela urbana que vitima milhares todos os anos, chegando até a política em suas formas mais extremas que infelizmente podem até tomar a forma do genocídio, violência maior que nunca prescreve juridicamente. Saber lidar com a própria e alheia vulnerabilidade através do serviço é o caminho para avançar na construção não só da humanidade, mas de toda a criação.

Maria Clara Bingemer

INTRODUÇÃO

Escapar do invólucro que enclausura as teorias e modos de pensar pessoais, herdados nem se sabe muito bem de onde e, então, perceber-se no encontro com o outro, simplesmente como outro, plenamente munido do direito do seu mistério próprio subjetivo, é, ao mesmo tempo, a mais rara e a mais necessária tomada de posição humana.

A boa notícia é que, ainda que a duras penas, a cíclica história concreta da humanidade tem demonstrado cada vez mais que, em diálogo e intercâmbio entre as distintas disciplinas do saber, surgem novas e boas apostas para obtenção de importantes resultados benéficos referentes à sobrevivência humana, apontando para um futuro onde caibam todos e não apenas os que podem pagar por ele ou toma-lo à força.

A presente obra não é a única nem a última a se inscrever no limiar deste tempo aberto e fértil ao diálogo, mas acredita poder contribuir com singularidade a uma articulação interdisciplinar muito pertinente que, à primeira vista, pode parecer contraditória, mas, na verdade, esclarece sua complementaridade fonal, jungindo o fenômeno prático da *violência* – entendida como *sacrifício* – à recepção do *sofrimento vicário e vulnerável de Cristo* – assumido como profundo *pathos* de Deus.

Nosso itinerário de pesquisa perpassará nada menos que a larga envergadura do pensamento do eminente erudito francês René Girard, cuja perspicácia e intuição etnológica e antropológica alteraram definitivamente a forma de ordenação da pesquisa científica em meados do século xx, e sacudiram a reflexão filosófica e teológica pós-moderna.

Com base em suas pesquisas, iniciadas desde a década de 1940, Girard viria a intuir e, mais tarde, revelar ao mundo a chave epistemológica que sintetiza o principal fundamento do seu pensamento e teoria, qual seja, o de que *todo desejo é mimético*, ou seja, todo desejo humano é uma imitação do desejo de outrem. Desejo esse que, em última análise, se inclina egóicamente à violência e ao caos.

Sob a luz da História Medieval, da Paleografia e da Literatura, primeiras grandes paixões acadêmicas do autor, solidificou-se o embasamento para que Girard chegasse a tal premissa, e, ao longo das décadas seguintes, desenvolvesse uma linguagem capaz de ir além, alcançando o núcleo duro do próprio conceito e da razão da violência mimética, e, no seu interior mais profundo, percebesse seu esconderijo incrivelmente intrincado às sendas do *sagrado*.

Tal redescoberta, além de promover grande surpresa, acionou a odisseia teológica que funda a pesquisa girardiana e a própria pessoa de Girard profundamente no cristianismo, mais especificamente nas narrativas dos Evangelhos. Foi na releitura comparativa do evento que narra a violência do sacrifício de Cristo, em paralelo com todos os mitos e sagas conhecidos das demais religiões, que o autor se confrontou com algo maior e inusitado, que é a ausência da dissimulação mitológica da violência arbitrária e, enfim, na reação de Jesus, depara-se com a possibilidade de uma ruptura com a estrutura da espiral da violência mimética vigente desde o assassinato fundador.

Esse panorama brevemente resumido se desdobrará no interior desta obra, para enumerar o que Girard considera como (a) “a natureza do desejo”, seu primeiro grande tema, e que será abordado largamente na obra *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (1961); em seguida, a sua compreensão sobre (b) “o mecanismo do bode expiatório”, amplamente exposto naquela que, sem dúvida, pode ser considerada sua obra mais impactante, denominada *A Violência e o Sagrado* (1972); e, finalmente (c) “a revelação cristã e a ineficácia da violência”, cuja obra em destaque é

sua ampla sistematização dialogal exposta na obra “*Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo*”(1978).

Nesse lugar-espço da violência sacrificial, surpreendente, inexplicável e rude, mas que carrega em seu bojo, ao mesmo tempo, a solubilidade inigualável do sacrifício de Cristo, resiste uma teologia franca, que não escamoteia a crueldade das lágrimas e do sofrimento, nem a chocante imagem vulnerável do Crucificado pregado, porque acredita que, sem ele, toda a fé cristã desaba e se esvazia; sem ele, nenhum *falar de Deus* seria possibilitado. Eis o marco niilista, por assim dizer, onde se encontram e de onde partem, tanto o pensamento de René Girard, quanto a teologia de Jürgen Moltmann.

Jürgen Moltmann, o teólogo alemão que, em sua juventude, experimentou os horrores da Segunda Guerra e foi preso num campo de concentração de 1943 a 1948, encarna, por isso mesmo em sua trajetória, os dilemas e os paradoxos de uma fé dialética capaz de enxergar o Deus da esperança onde essa esperança se esconde, o Deus do acolhimento onde o sofrimento parece reinar e o *pathos* de Deus, onde parece que Deus já havia abandonado completamente os homens.

Não à-toa, Moltmann é chamado o autor da Teologia da Esperança e, além de ser considerado um dos teólogos mais influentes do século xx, é também aquele que, com justiça, é considerado o teólogo que re-significou a *theologia crucis* nos tempos atuais, trazendo de volta a unidade da temática da cruz para o centro do mistério trinitário.

Tal qual o caso de Girard, sintetizar todo o pensamento de Moltmann em uma única obra não seria possível, dado isso, será feito um recorte epistemológico da sua teologia analisando três de suas maiores contribuições teológicas pertinentes para esse momento, quais sejam: “*O Deus Crucificado*” (1972), considerada por muitos como sua obra-prima central para exposição da paixão e entrega do Pai e do Filho em amor-serviço pela humanidade (abriga-se aqui a centralidade do *pathos* divino); “*Trindade e Reino de Deus*” (1980), sua incrível contribuição teológica

que resgata a unidade intrínseca da mensagem evangélica; e “*O caminho de Jesus Cristo*” (1989), uma descrição detalhada de uma cristologia lúcida, que se apropria da revelação máxima de Jesus Cristo para evocar o único seguimento do Crucificado eticamente possível ao crente.

Se satisfatórias as aproximações ora propostas nesta obra, entre as considerações extremamente lúcidas de Girard sobre a origem da violência, o seu desencanto expiatório e a ineficácia da violência sacrificial arbitrária, jungidas em diálogo com à *theologia crucis* de Moltmann que descortina a verdadeira face do Deus não apático, mas cheio de “*passio*”, aberto e infinito em amor, não confundido, mas justificado por causa da cruz do Crucificado, então, mais do que uma certeza de paridade epistemológica e biográfica, estaremos diante de categorias e valores que, na verdade, nunca foram contraditórios, mas complementares.

E mais. Avisados quanto à importância de manter-nos inteiramente no presente, mas percebendo um futuro escatológico de Deus que se anuncia desejoso de novidade para a humanidade, seremos interpelados honestamente a averiguar que espécie de *ethos* público nosso falar de Deus testemunha, diante de uma sociedade global extremamente violenta e que ainda celebra festiva, e, porque não dizer, muitas vezes liturgicamente, seus “bodes expiatórios pós-modernos”.

1. A TEORIA DO DESEJO MIMÉTICO

O panorama das sociedades ocidentais, no último século, revelou o retrato da profunda fragilidade das relações sociais e, ao mesmo tempo, a falência de seus mecanismos de políticas públicas, na tentativa de evitar o colapso do capitalismo do mercado global, quando não, capitalismo da pura exclusão social.

Revelou, também, e de diversas formas, a ambiguidade e, muitas vezes, a incoerência quanto ao modo de falar de Deus, com consequentes questionamentos sobre a obsolescência da própria religião e da teologia, num contexto de sociedade extremamente plural e individualista, no qual a fé não dialogal simplesmente sufraga perdida e isolada no inócuo labirinto de sua própria dogmática.

Ao mesmo tempo, dos escombros históricos de Auschwitz e das duas Grandes Guerras ecoaram gritos angustiantes, exigindo um repensar urgente do imaginário de Deus e do seu papel na vida que se tornou infra-humana. Neste sentido, surgiram novos diálogos na busca de arejar o ecumenismo e de favorecer à prática da interdisciplinaridade, abrindo, com isso, um espaço novo e fértil, propício para recuperar a conexão culturalmente perdida entre o ser humano e Deus. Parece-nos que a frase profética de André Malraux, em seu texto “A propósito do século XXI”, definitivamente tem-se cumprido: “O século XXI será espiritual. Ou não será”.¹ É certo que Malraux não previa a terrível crise que sufocaria o

1 Extraído do texto de André Malraux intitulado “A propósito do século XXI”, publicado em “L’Express” de 21 de maio de 1955.

otimismo mundial, a partir do 11 de setembro de 2001, nem a profunda crise financeira global precipitada em 2008, mas sua extraordinária perspicácia tornou-se um alerta impossível de negligenciar, pelo menos por parte daqueles que se importam com a possibilidade de um futuro em que caibam todos.

Desde então, desconstruções e reconstruções filosófico-teológicas vêm-se desdobrando para explicitar autênticos ideais de humanidade, como afirma Edward Schillebeeckx, “A *caridade fraterna consiste em ser-se a si mesmo para os outros em vista de Deus: esta é a definição teológica completa do homem*”.²

A tentativa do teólogo holandês, assim como de outros autores contemporâneos seus, em plena sintonia com os ventos do Concílio Vaticano II (entre 1962 e 1965), é no sentido da alocação de uma teologia em favor da vida, completamente ciente não apenas do seu importante papel histórico, mas de sua competência amorosa para a reconstrução da intersubjetividade humana. E Schillebeeckx completará em outro momento:

A nossa existência, a contingência de nossa existência pessoal com os outros neste mundo, é a fonte do nosso conhecimento de Deus, porque aquele caráter *ek-stático* não é senão o jorrar do mistério de Deus na nossa existência. Portanto, a afirmação da existência de Deus é inseparável da afirmação da nossa presença *ek-stática* aos outros neste mundo.³

Acena-se, assim, para o que poderíamos chamar de “pedra de toque” que desdobra as demais relações inter-humanas. É a existência consciente de sua contingência e, ao mesmo tempo, de sua única forma de conhecer Deus, pela autêntica experiência do encontro com o próximo e pela urgente presença ética no contexto deste mundo.

De certa forma, também podemos dizer que o memorável Congresso Internacional para a Evangelização Mundial em Lausanne, Suíça, em 1974,

2 SCHILLEBEECKX, Edward., *Deus e o Homem*, p. 247.

3 *Ibid.*, p. 183.

inspira-se no espírito do “aggiornamento” da época. Do poder atualizador do Congresso, no qual estiveram presentes, aproximadamente, 2700 delegados de mais de 150 países, nasceu o Pacto de Lausanne,⁴ indicando a importância de urgentes revisões na eclesiologia, missiologia e cultura cristã no protestantismo mundial. Um dos princípios mais emblemáticos do Pacto ecoa até nossos dias como regulador de sentido e da comunicação do evangelho: “O Evangelho todo, para o homem todo, para todos os homens”.

Mas, qual seria a ética reguladora? Qual a ética absoluta ou mais adaptável? No melhor espírito pós-moderno, também já fomos profeticamente alertados pela perspicácia de Zygmunt Bauman⁵ de que todos os centenários valores morais herdados das instituições históricas, e que pretendam sobrevivência ou adaptação, precisam dar-se conta do novo e frágil *Zeitgeist*⁶ de nossa *sociedade líquida*, ou como a maioria prefere chamar, sociedade pós-moderna. O diálogo, a coerência, a coragem para mudanças e o reconhecimento do valor do outro são aspectos inegociáveis para a construção de uma ética para este tempo de incertezas que, ao mesmo tempo, se abra para a reinvenção da humanidade.

Porém, infelizmente, os dados que temos demonstram que, para este homem nuclear⁷ viver integral e respeitosamente sua historicidade, numa interação social responsiva e que possa realmente ser considerada “humana”, ainda lhe faltam recursos de outra natureza. Ao que tudo indica, parece que toda a lastimosa tragédia produzida pelo totalitarismo nazista

4 Cf. Documento Pacto de Lausanne na íntegra em: <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-pt-br/pacto-de-lausanne>>.

5 Zygmunt Bauman, falecido em 2017, foi um dos sociólogos de maior influência na reflexão da sociedade pós-moderna (ou, sociedade líquida) nos últimos anos. Escreveu inúmeras obras a esse respeito, dentre elas *Modernidade Líquida*, *A Sociedade Individualizada* e *Tempos Líquidos*.

6 *Zeitgeist* é uma palavra alemã que pode ser compreendida como o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

7 Expressão que se tornou conhecida para exprimir o homem desta era pós-moderna (nuclear), como nos textos de Henri Nouwen, *O Curador Ferido*, 2010.